



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

Nossa Senhora e a esperança, de Francisco a Leão

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Para o último mês de maio, tradicionalmente consagrado a Maria, no âmbito do ano jubilar da esperança, com a colaboração do Padre Alexandre Awí, profundo conhecedor da espiritualidade mariana do Papa Francisco, havíamos previsto um Caderno Fé e Cultura voltado a “Nossa Senhora, mãe da esperança”. Deus, porém, tinha outros planos... A morte de Francisco e a eleição de Leão XIV nos obrigaram a mudar totalmente nosso projeto. Assim nasceu este Caderno, que mantém o foco em Maria e no Jubileu da Esperança, mas agora procurando fazer uma ponte entre o magistério dos dois papas – mesmo que o atual papado ainda esteja no início e tudo que se escreve ou mesmo se seleciona de suas palavras ainda esteja sujeito a melhor compreensão no futuro.



Arte: Sergio Riccluto Conte

O tema escolhido por Francisco para o Jubileu 2025 nos mostrou como nosso tempo carece de esperança. Um certo otimismo característico da Modernidade se foi, o “realismo” contemporâneo frequentemente é apenas um pessimismo cínico, que corrói a alma sobretudo dos mais jovens. Mas compreender plenamente a esperança cristã não é fácil. O que significa dizer que “Cristo é a nossa esperança”? Muitos leem essa frase como uma versão religiosa da força do pensamento positivo: se somos cristãos, se fazemos nossa parte, Deus fará nossos desejos se realizarem. Mas basta ver o desenrolar da história para perceber que as coisas não são assim automáticas. Há também os que a leem como uma

promessa utópica e militante: se lutarmos por um mundo melhor, a sociedade do amor pregada por Cristo acontecerá. Mas a história desmente também essa versão. Outros a reduzem à dimensão meramente escatológica: nossa esperança é sermos felizes na vida eterna, ao lado da Santíssima Trindade. Justo, mas como acreditar que isso acontecerá depois da morte, sem que alguma coisa mude já agora...

Bento XVI sabiamente advertia: “A fé não é só uma inclinação da pessoa para realidades que hão de vir, mas estão ainda totalmente ausentes; ela dá-nos algo. Dá-nos já agora algo da realidade esperada, e esta realidade presente constitui para nós uma ‘prova’ das coisas que ainda não se veem”

(*Spe salvi*, SS 7). Nossa Senhora, como mãe, nos mostra o que é a esperança cristã: é uma realidade já presente, que perpassa todos os momentos da vida, bons e maus, dando-lhes amor e sentido. Toda mãe, todo pai fazem essa experiência com relação a seus filhos: desejamos ser felizes com eles no futuro, mas já agora eles preenchem nossa vida com amor e significado. Assim é, para nós, a companhia de Cristo, assim aprendemos com Maria.

Esperamos que essas páginas ajudem a todos nós a entrarmos mais no âmago da esperança cristã, bem como seguir, com mais consciência e alegria, ao magistério tanto de Francisco quanto de Leão XIV.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

Deus responde à fé com a graça. “Havia uma grande multidão ao redor de Jesus, e, por isso, muitas pessoas tocam Nele, mas nada lhes acontece. Pelo contrário, quando esta mulher [a hemorroíssa, cf. Mc 5,21-43] toca em Jesus, fica curada. Onde está a diferença? Comentando este ponto do texto, Santo Agostinho diz, em nome de Jesus: ‘A multidão aglomera-se à minha volta, mas a fé toca-me’ (Sermão 243,2,2). É assim: cada vez que praticamos um ato de fé destinado a Jesus, estabelece-se um contato com Ele e imediatamente brota Dele a Sua graça. Às vezes, não nos damos conta, mas de modo secreto e real a graça chega até nós e transforma lentamente a vida.

Talvez ainda hoje muitas pessoas se aproximem de Jesus de maneira superficial, sem acreditar verdadeiramente no Seu poder. Pisamos a superfície das nossas igrejas, mas talvez o coração esteja em outro lugar! Esta mulher, silenciosa e anônima, derrota os seus receios, tocando o coração de Jesus com as suas mãos consideradas impuras por causa da doença [...] Estimados irmãos e irmãs, na vida há momentos de desilusão e desânimo, e há também a experiência da morte. Aprendamos com aquela mulher: vamos ao encontro de Jesus: Ele pode curar-nos, pode fazer-nos renascer. Jesus é a nossa esperança!” (LEÃO XIV. [Catequese de 25 de junho de 2025](#))

O que podemos fazer quando nos encontramos numa situação que parece sem saída? “O grito de Bartimeu, descrito no Evangelho segundo Marcos (‘Filho de Davi, Jesus, tende piedade de mim!’, cf. Mc 10,46-52), tornou-se uma oração bem conhecida na tradição oriental, que também nós podemos utilizar: ‘Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador!’ Bartimeu é cego, mas paradoxalmente vê melhor do que os outros e reconhece quem é Jesus! Perante o seu

grito, Jesus detém-se e chama-o, pois não há grito que Deus não ouça [... Mas Bartimeu] deve realizar um gesto muito significativo: abandonar o seu manto! Para um mendigo, o manto é tudo: é a segurança, é a casa, é a defesa que o protege [...] No entanto, muitas vezes o que nos bloqueia são precisamente as nossas aparentes seguranças, aquilo que vestimos para nos defendermos e que, pelo contrário, nos impede de caminhar”. (LEÃO XIV [Catequese de 11 de junho de 2025](#)).

Papa Francisco nos aponta Maria, Mãe da Esperança

(UMA MEDITAÇÃO A PARTIR DA BULA *SPES NON CONFUNDIT*)

Padre Doutor Alexandre Awi Mello, ISch*

“A esperança encontra, na Mãe de Deus, a sua testemunha mais elevada”, nos ensina o Papa Francisco. “Nela vemos como a esperança não seja um efêmero otimismo, mas dom de graça no realismo da vida” (SNC 24). Francisco supera, assim, uma visão ingênua ou idealista da esperança. Também o povo de Israel, em meio a todas as dificuldades, esperava a salvação, que se realiza com a vinda do Messias, e se confirma com a Páscoa de Jesus. Maria encarna a esperança de Israel, é o elo entre o Antigo e o Novo Testamento; é uma mulher simples, concreta e realista, como as mulheres do seu povo, mas espera a salvação com a mesma fé de Abraão. Para expressá-lo, o Papa indica duas passagens bíblicas que descrevem a esperança de Maria: ela teve que manter viva em seu coração a promessa de Simeão e alimentá-la até o final da vida de Jesus, quando, ao pé da cruz, confiou e esperou o cumprimento da promessa de Ressurreição.

“Como todas as mães, cada vez que olhava para o Filho, pensava no seu futuro, e certamente no coração trazia gravadas aquelas palavras que Simeão Lhe dirigira no templo: ‘Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma’ (Lc 2,34-35). E aos pés da cruz, enquanto via Jesus inocente sofrer e morrer, embora atravessada por terrível angústia, repetia o seu ‘sim’, sem perder a esperança e a confiança no Senhor” (SNC 24).

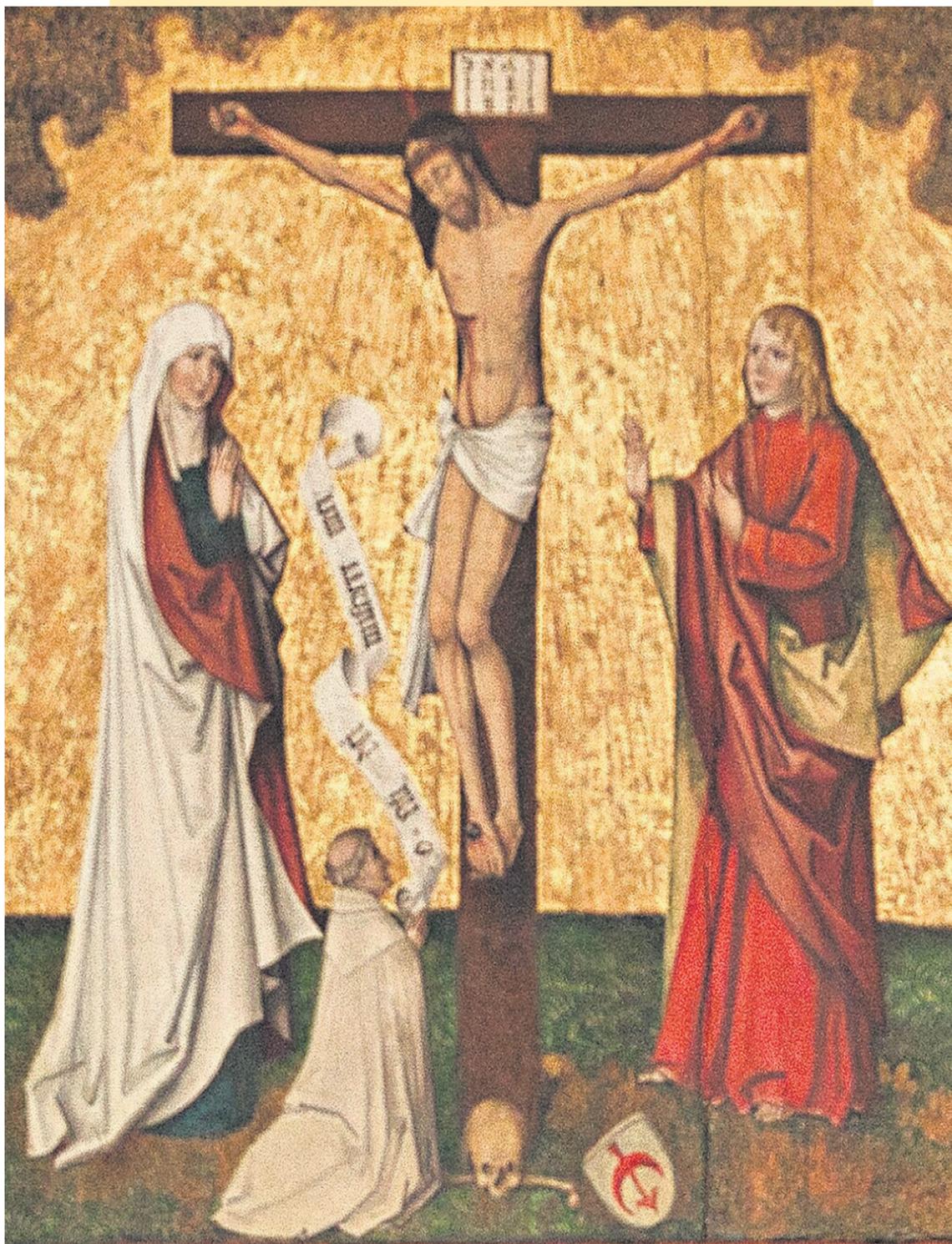
Ao longo de Sua vida pública, Jesus anunciou sua Morte e Ressurreição. Porém, os Apóstolos não foram capazes de compreender o que Jesus lhes dizia (cf. Mc 9,30-32). Maria foi provavelmente a primeira a entender este anúncio e esperar com confiança a Ressurreição do seu Filho. Conheço uma canção que diz, referindo-se a Maria: “Porque não foi necessário que visses o túmulo vazio para saber que teu Filho irrompia em um canto novo”.

Na Bula *Spes non confundit* (SNC), de convocação do Jubileu 2025, somos convidados a relacionar a mensagem jubilar com a presença de Maria na vida da Igreja e de cada fiel cristão.

Ao final do documento, o Papa Francisco apresenta Nossa Senhora como a testemunha mais elevada da virtude da esperança.

Ela é, por excelência, “Peregrina de Esperança” e caminha à nossa frente, nos indicando o caminho seguro para Jesus, a esperança que não decepciona nem engana (cf. Rm 5,5).

Retábulo alado de Rütli. Fonte: Wikimedia.com



A fecundidade de Maria e da Igreja. “João, o único dos Doze que estava presente no Calvário, viu e testemunhou que, aos pés da cruz, estava a mãe de Jesus, junto às outras mulheres (cf. Jo 19,25). E ouviu com os seus próprios ouvidos as últimas palavras do Mestre, entre as quais estas: ‘Mulher, eis o teu filho!’; e depois, dirigidas a ele: ‘Eis a tua mãe!’ (cf. Jo 19,26-27). A maternidade de Maria, por meio do mistério da Cruz, deu um salto impensável: a mãe de Jesus tornou-se a nova Eva, porque o Filho a associou à sua

morte redentora, fonte de vida nova e eterna para cada homem que vem a este mundo [...] A fecundidade da Igreja é a mesma fecundidade de Maria; e realiza-se na existência dos seus membros na medida em que eles revivem, em menor dimensão, o que a Mãe viveu, isto é, amam segundo o amor de Jesus [...] Com efeito, esta fecundidade de Maria e da Igreja está inseparavelmente ligada à sua *santidade*, ou seja, à sua conformação com Cristo”. (LEÃO XIV. [Homilia da Missa do Jubileu da Santa Sé](#), 9 de junho de 2025).

A única lâmpada acesa no sepulcro. Para Maria, não foi fácil manter esta confiança, “esperando contra toda esperança”, como descreve São Paulo, referindo-se a Abraão (cf. Rm 4,18). Mesmo quando todas as circunstâncias pareciam desfavoráveis, Maria foi capaz de sofrer e manter a esperança que vai além de toda lógica ou probabilidade humanas, colaborando, assim, com a redenção. É o que explica o Papa Francisco:

“Desta forma, (Maria) cooperava em nosso favor no cumprimento do que dissera seu Filho ao anunciar que Ele teria de ‘sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias’ (Mc 8,31), e no parto daquela dor oferecida por amor tornava-Se nossa Mãe, Mãe da esperança” (SNC 24).

De fato, ao longo de todo o seu pontificado, Francisco apresentou Maria como mulher de esperança e Mãe dos que esperam. O primeiro Papa latino-americano provém do “Continente da Esperança e do Amor”, como expressava o [Documento de Aparecida](#) (cf. DAp 127-128). Daí que a esperança não seja um assunto estranho à sua pregação.

“A única lâmpada acesa no sepulcro de Jesus é a esperança da mãe”, disse o Papa Francisco em uma [visita às Monjas Beneditinas Camaldulenses](#). Em muitos momentos do seu pontificado, ele apresentou Maria como Mãe da Esperança. A palavra “faça-se” – usada por Maria na frase “Faça-se em mim segundo a Tua palavra” (Lc 1,38) – “não é apenas uma aceitação, mas também uma abertura confiante ao futuro. Este ‘faça-se’ é esperança!” (*Idem*).

Depois de recordar que “Maria é a Mãe da esperança, o ícone mais expressivo da esperança cristã”, o Papa Francisco percorre brevemente alguns momentos decisivos da vida da Mãe do Senhor, observando que “diante de todas estas dificuldades e surpresas do projeto de Deus, a esperança da Virgem nunca vacilou! Mulher de esperança. Isto diz-nos que a esperança se nutre de escuta, de contemplação, de paciência, para que os tempos do Senhor amadureçam” (*Idem*).

Nas suas meditações sobre Ma-

ria, muitas vezes o Papa volta à cena do Calvário. Ali, Maria “é a mulher da dor e, ao mesmo tempo, da vigilante espera de um mistério, maior que a dor, que está para se cumprir. Tudo parece realmente acabado; poderíamos dizer que toda a esperança se apagou” (*Idem*). Maria poderia ter se rebelado: “Naquele momento, poderia ter exclamado, recordando as promessas da Anunciação: não se cumpriram, fui enganada” (*Idem*). Mas a “bem-aventurada porque acreditou, desta sua fé vê brotar um futuro novo e aguarda com esperança o amanhã de Deus”, que para ela é “o amanhecer da Páscoa, daquele dia que é o primeiro da semana” (*Idem*).

Mesmo com a morte de Jesus, Maria foi a única a manter a esperança. Portanto, durante este Ano Santo, e em cada dia da nossa vida, nos fará “bem pensar, na contemplação, no abraço do filho com a mãe. A única lâmpada acesa no sepulcro de Jesus é a esperança da mãe, que naquele momento é a esperança de toda a humanidade” (*Idem*). De fato, “devemos muito a esta Mãe! Nela, presente em cada momento da história da salvação, vemos um testemunho sólido de esperança. Ela, Mãe da esperança, nos sustenta nos momentos de escuridão, de dificuldade, de desconforto, de aparente derrota ou de verdadeiras derrotas humanas” (*Idem*).

Esperar como Maria.

Francisco, em várias ocasiões, apontou Maria como modelo da virtude teologal da esperança. Bem no início do seu Pontificado, durante o ano de 2013, afirmou: “O modelo desta atitude espiritual, deste modo de ser e de caminhar na vida, é a Virgem Maria. Uma simples jovem de aldeia, que tem no coração toda a esperança de Deus”. No seio de Maria, a Esperança de Deus “assumiu a carne, fez-se homem, fez-se história”, pois Maria “é mãe e sabe guiar-nos... neste tempo de espera e de vigilância laboriosa” (*Idem*).

Na sua [primeira véspera de Natal](#) como Papa, Francisco recordou que, como Maria, devemos esperar, com a alma aberta, para que Jesus possa vir ao mundo. No

Natal, toda a Igreja e cada um de nós está, como Maria, esperando para dar à luz, para experimentar um parto. Por isso, “o Espírito Santo move o coração de cada um para fazer esta oração: Vem, vem!”. Todos os dias do Advento, dizemos, “no prefácio, que nós, a

Igreja, como Maria, estamos vigilantes, à espera”. E a vigilância “é a virtude” dos peregrinos que somos todos nós (*Idem*). Por isso, Maria, peregrina na fé, ajuda a cultivar a esperança. E o *Magnificat* “é o cântico do povo de Deus a caminho, e de todos os homens e mulheres

que esperam em Deus, no poder da sua misericórdia” ([Angelus do Primeiro Domingo do Advento](#)).

Esta mensagem é especialmente relevante neste Ano Santo: somos todos Peregrinos de Esperança, como Maria. E, por isso, na Bula de convocação do jubileu, o Papa Francisco conclui sua reflexão mariana fazendo uma alusão aos santuários marianos, lugares aos quais somos todos convidados a peregrinar e a cultivar a rica piedade popular, que “continua a invocar a Virgem Santa como *Stella Maris*, um título expressivo da esperança segura de que, nas tempestuosas vicissitudes da vida, a Mãe de Deus vem em nosso auxílio, apoia-nos e convida-nos a ter fé e a continuar a esperar” (SNC 24).

Francisco recorda o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, no México, que em 2031 vai celebrar os 500 anos da aparição da Mãe de Deus ao índio Juan Diego, deixando-nos “uma revolucionária mensagem de esperança que Maria, ainda hoje, repete a todos os peregrinos e fiéis: ‘Porventura, não estou aqui Eu, que sou tua Mãe?’” (*Idem*). Esta é a mensagem que Nossa Senhora deixa impressa nos corações dos fiéis “em tantos santuários marianos espalhados pelo mundo, metas de inúmeros peregrinos que confiam à Mãe de Deus preocupações, sofrimentos e anseios” (*Idem*).

Desta forma, o Papa deseja que neste Ano Jubilar “os Santuários sejam lugares sagrados de acolhimento e espaços privilegiados para gerar esperança” (*Idem*). Fica assim o convite aos peregrinos a fazer “uma paragem orante nos santuários marianos da cidade

a fim de venerar a Virgem Maria e invocar a sua proteção”, pois o Papa está “confiante de que todos, especialmente aqueles que sofrem e estão atribulados, poderão experimentar a proximidade da mais afetiva das mães, que nunca abandona os seus filhos; Ela que é, para o santo povo de Deus, sinal de esperança segura e de consolação” (*Idem*).



A Descida do Espírito Santo. Fonte: Flickr.com

A mãe de Jesus juntamente com os Apóstolos e os discípulos no Cenáculo.

[Esta cena (At 1,12-14)] mostra-nos a maternidade de Maria com a Igreja nascente, uma maternidade “arquetípica”, que permanece atual em todos os tempos e lugares. E que é sempre e principalmente fruto do mistério pascal, do dom do Senhor crucificado e ressuscitado. O Espírito Santo, que desce com poder sobre a primeira comunidade, é o mesmo que Jesus entregou-nos com o seu último suspiro (cf. Jo 19, 30) [...] A fecundidade da

Igreja está sempre ligada à Graça que jorrou do Coração trespassado de Jesus juntamente com o sangue e a água, símbolo dos Sacramentos (cf. Jo 19, 34). Maria, no Cenáculo, graças à missão materna que recebeu aos pés da cruz, está ao serviço da comunidade nascente: ela é a memória viva de Jesus e, como tal, é, por assim dizer, o polo de atração que harmoniza as diferenças e torna concordante a oração dos discípulos (LEÃO XIV. [Homília da Missa do Jubileu da Santa Sé](#), 9 de junho de 2025).

* Teólogo e professor universitário. É o atual superior geral do Instituto Secular dos Padres de Schoenstatt



Leão XIV fala-nos da esperança

“Estou feliz por vos dar as boas-vindas a esta minha primeira Audiência geral. Hoje, retomo o ciclo de catequeses jubilares sobre o tema ‘Jesus Cristo, nossa esperança’, iniciadas pelo Papa Francisco. Continuamos a meditar sobre as parábolas de Jesus, que nos ajudam a redescobrir a esperança, porque nos mostram como Deus age na história.

[...] Um semeador muito original sai para semear (cf. Mt 13,1-17), mas não se preocupa com o lugar onde a semente cai. Lança a semente até onde é improvável que dê fruto: ao longo da estrada, entre as pedras, no meio dos arbustos. Esta atitude surpreende o ouvinte, levando-o a questionar-se: como é possível?

Estamos habituados a calcular as coisas – e às vezes é necessário – mas isto não vale no amor! O modo como este semeador ‘esbanjador’ lança a semente é uma imagem da maneira como Deus nos ama. Aliás, é verdade que o destino da semente depende também do modo como o terreno a acolhe e da situação em que se encontra, mas nesta parábola Jesus diz-nos, sobretudo, que Deus lança a semente da Sua Palavra em todos os tipos de solo, isto é, em qualquer uma das nossas situações: às vezes, somos mais superficiais e distraídos; outras vezes, deixamo-nos levar pelo entusiasmo; por vezes, sentimo-nos oprimidos pelas preocupações da vida, mas há também momentos em que estamos disponíveis e somos acolhedores. Deus confia e espera que, mais cedo ou mais tarde, a semente floresça. É assim que nos ama: não espera que nos tornemos o melhor terreno, concede-nos sempre generosamente a Sua Palavra. Talvez precisamente vendo que Ele confia em nós, nasce em nós o desejo de ser uma terra melhor. Esta é a esperança, fundada na rocha da generosidade e da misericórdia de Deus.

[...] Tenho em mente aquela maravilhosa pintura de van Gogh: *O semeador ao pôr do sol*. Aquela imagem do semeador sob o sol ardente fala-me também do trabalho do campo-

Selecionamos, a seguir, alguns trechos dos pronunciamentos recentes do Papa Leão XIV, nos quais ele nos fala da esperança, do abandonar-se ao amor incomensurável de Deus. Da beleza da arte, que revela, mesmo que inadvertidamente, a intuição de Deus no coração humano, até o compromisso social que brota da experiência da fé, Leão XIV retoma, com seu estilo próprio, a mensagem de Francisco e de seus antecessores: Cristo é nossa esperança e quem está centrado em Deus reconhece sua presença na história.

nês. E surpreende-me que, por detrás do semeador, van Gogh tenha representado o grão já maduro. Parece-me exatamente uma imagem de esperança: de uma maneira ou de outra, a semente deu fruto. Não sabemos bem como, mas é assim! Contudo, no centro da cena não está o semeador, que se encontra de lado, mas toda a pintura é dominada pela imagem do sol, talvez para nos recordar de que é Deus quem move a história, embora às vezes pareça ausente ou distante. É o sol que aquece os torrões da terra, fazendo amadurecer a semente” ([Catequese de 21 de maio de 2025](#)).

A esperança, os pobres e o compromisso cristão. “Tu és a minha esperança, ó Senhor Deus’ (Sl 71,5). Essas palavras emanam de um coração oprimido por graves dificuldades: ‘Fizeste-me sofrer grandes males e aflições mortais’ (Sl 71,20), diz o Salmista. Apesar disso, o seu espírito está aberto e confiante, porque, firme na fé, reconhece o amparo de Deus e o professa: ‘És o meu rochedo e a minha fortaleza’ (Sl 71,3). Daí deriva a confiança inabalável de que a esperança Nele não decepciona: ‘Em ti, Senhor, me refugio, jamais serei confundido’ (Sl 71,1).

No meio das provações da vida, a esperança é animada pela firme e encorajadora certeza do amor de Deus, derramado nos corações pelo Espírito Santo. Por isso, ela não decepciona (cf. Rm 5,5) e São Paulo pôde escrever a Timóteo: ‘Pois se nós trabalhamos e lutamos, é porque pomos a nossa esperança no Deus vivo’ (1 Tm 4,10). O Deus vivo é, verdadeiramente, o ‘Deus da esperan-

ça’ (Rm 15,13), que em Cristo, pela sua Morte e Ressurreição, se tornou a ‘nossa esperança’ (1 Tm 1,1). Não podemos esquecer que fomos salvos nesta esperança, na qual precisamos permanecer enraizados.

O pobre pode tornar-se testemunha de uma esperança forte e confiável, precisamente porque professada em uma condição de vida precária, feita de privações, fragilidade e marginalização. Ele não conta com as seguranças do poder e do ter; pelo contrário, sofre-as e, muitas vezes, é vítima delas. A sua esperança só pode repousar em outro lugar. Reconhecendo que Deus é a nossa primeira e única esperança, também nós fazemos a passagem entre as esperanças que passam e a esperança que permanece [...] A pobreza mais grave é não conhecer a Deus. Recordou-nos isso o Papa Francisco quando escreveu na *Evangelii gaudium*: ‘A pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a Sua amizade, a Sua bênção, a Sua Palavra, a celebração dos sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé’ (EG 200). Há aqui uma consciência fundamental e totalmente original sobre como encontrar em Deus o próprio tesouro. Realmente, insiste o apóstolo João: ‘Se alguém disser: ‘Eu amo a Deus’, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê’ (1 Jo 4, 20) [...]

A esperança cristã, à qual a Palavra de Deus remete, é certeza no caminho da vida, porque não depende da força humana, mas da promessa de Deus, que é sempre fiel. Por isso, desde os primórdios, os cristãos quiseram identificar a esperança com o símbolo da âncora, que oferece estabilidade e segurança. A esperança cristã é como uma âncora, que fixa o nosso coração na promessa do Senhor Jesus, que nos salvou com a Sua Morte e Ressurreição e que retornará novamente no meio de nós. Esta esperança continua a indicar como verdadeiro horizonte da vida os ‘novos céus’ e a ‘nova terra’ (2 Pe 3,13), a existência de todas as criaturas encontrará o seu sentido autêntico, visto que a nossa verdadeira pátria está nos céus (cf. Fl 3,20).

Conseqüentemente, a cidade de Deus compromete-nos com as cidades dos homens, que, desde agora, devem começar a assemelhar-se àquela. A esperança, sustentada pelo amor de Deus derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo (cf. Rm 5,5), transforma o coração humano em terra fértil, na qual pode germinar a caridade para a vida do mundo [...] O convite bíblico à esperança traz consigo o dever de assumir, sem demora, responsabilidades coerentes na história. Com efeito, a caridade é ‘o maior mandamento social’ ([Catecismo da Igreja Católica](#), 1889). A pobreza tem causas estruturais que devem ser enfrentadas e eliminadas. À medida que isso acontece, todos somos chamados a criar novos sinais de esperança que testemunhem a caridade cristã, como fizeram, em todas as épocas, muitos santos e santas [...] Os pobres não são um passatempo para a Igreja, mas sim os irmãos e irmãs mais amados, porque cada um deles, com a sua existência e, também, com as palavras e a sabedoria que trazem consigo, levam-nos a tocar com as mãos a verdade do Evangelho”. ([Mensagem antecipada do Papa Leão XIV para o Dia Mundial dos Pobres de 2025](#))